

## RELAÇÕES VIOLENTAS E A MANUTENÇÃO DOS VÍNCULOS

### VIOLENT RELATIONSHIPS AND THE MAINTENANCE OF BONDS

**Resumo:** As relações violentas, caracterizadas por abusos físicos, emocionais ou psicológicos, mantêm muitas vítimas presas, mesmo com as consequências negativas, devido à dependência financeira, ao medo e à manipulação emocional. A convivência frequente com o agressor, motivada por questões emocionais ou pela sensação de incapacidade, intensifica o sofrimento e dificulta a busca por ajuda. O presente estudo abordou, ao longo do referencial teórico, a complexa dinâmica das relações abusivas e destacou os fatores que perpetuam a violência doméstica e dificultam a ruptura dos vínculos. O ciclo da violência, caracterizado por episódios alternados de agressão e reconciliação, e a dependência emocional, que reforça a submissão da vítima, foram explorados com base em teorias relevantes. Utilizando uma metodologia de revisão bibliográfica, foram analisadas e selecionadas 44 publicações, dentre elas 29 foram consideradas fundamentais para os resultados e a discussão, por abordarem, de forma direta ou indireta, a questão central da pesquisa. Os resultados mostraram quatro categorias principais: violência doméstica, ciclo da violência, dependência emocional e manutenção dos vínculos. Verificou-se que a dependência emocional, o medo de retaliações e a falta de recursos são obstáculos significativos para romper essas relações, enquanto as pressões culturais e sociais reforçam o ciclo de abuso. Na conclusão deste estudo, consolidam-se as reflexões sobre a complexidade envolvida na manutenção de vínculos abusivos em relações marcadas pela violência doméstica. A pesquisa buscou analisar como fatores emocionais, sociais e culturais contribuem para a permanência das vítimas nesses relacionamentos.

**Palavras-chave:** Violência de gênero. Relações violentas. Manutenção dos vínculos. Ciclo da violência. Dependência emocional.

**Abstract:** Violent relationships, characterized by physical, emotional or psychological abuse, keep many victims trapped, even with the negative consequences, due to financial dependence, fear and emotional manipulation. Frequent coexistence with the aggressor, motivated by emotional issues or by the feeling of incapacity, intensifies the suffering and makes it difficult to seek help. Throughout the theoretical framework, this study addressed the complex dynamics of abusive relationships and highlighted the factors that perpetuate domestic violence and make it difficult to break bonds. The cycle of violence, characterized by alternating episodes of aggression and reconciliation, and emotional dependence, which reinforces the victim's submission, were explored based on relevant theories. Using a literature review methodology, 44 publications were analyzed and selected, of which 29 were considered fundamental for the results and discussion, as they directly or indirectly addressed the central question of the research. The results showed four main categories: domestic violence, cycle of violence, emotional dependence and maintenance of bonds. It was found that emotional dependence, fear of retaliation and lack of resources are significant obstacles to breaking these relationships, while cultural and social pressures reinforce the cycle of abuse. In the conclusion of this study, reflections on the complexity involved in maintaining abusive relationships in relationships marked by domestic violence are consolidated. The research sought to analyze

Olga Patrícia Gomes Alecrim  
Farias<sup>1</sup>

Alessandra Pires Barreto<sup>2</sup>

1 Faculdades Integradas da  
América do Sul.

2 Faculdades Integradas da  
América do Sul.

how emotional, social and cultural factors contribute to the permanence of victims in these relationships.

**Keywords:** Gender violence. Violent relationships. Maintaining bonds. Cycle of violence. Emotional dependence.

## INTRODUÇÃO

Milhares de mulheres perdem suas vidas todos dias ao redor do mundo, vítimas do que é chamado no Brasil de feminicídio. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em conjunto com o Instituto Datafolha, no ranking de assassinatos, Honduras está em primeiro lugar, seguido pela República Dominicana, El Salvador e Bolívia, já o Brasil ocupa a quinta posição com um total de 1.463 mortes em 2023 representando uma taxa de 1,4 mulheres assassinadas a cada 100 mil habitantes. Esse número apresentou um aumento de 1,6% em comparação com o ano anterior, tornando-se o maior registro desde a criação da Lei nº 13.104 de 2015 referente ao feminicídio (Bueno et al., 2024).

De acordo com Vieira, Garcia e Maciel (2020), o aumento das taxas de violência contra as mulheres evidencia a persistência e o agravamento desta no país, destacando a necessidade de políticas públicas mais eficazes para a proteção das mulheres e o combate à violência doméstica. Para compreender melhor esse fenômeno, faz necessário destacar o

conceito de violência, Boas Neto (2023, p. 2) a define como:

um constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, que obriga essa pessoa a fazer o que lhe é imposto, podendo ser um ato de crueldade, de perversidade ou de tirania. Na percepção de Hanna Arendt (2011), a violência é um instrumento de coação, exercido por aquele que detém autoridade no exercício de alguma forma de poder.

O estudo de Boas Neto (2023) discute a diversificação da violência, ressaltando sua natureza variada e suas distintas formas. Ao distinguir entre violência espontânea e provocada, argumenta-se que a violência é algo presente na natureza humana, porém é intensificada e expandida por contextos sociais e hierarquias de poder. Para esse autor, violência espontânea se define pela ocorrência de forma impulsiva, sem planejamento geralmente como uma reação imediata a situações de estresse ou conflito, sendo imprevisível e resultante de um impulso emocional. Já a violência provocada é uma resposta direta a uma provocação ou estímulo percebido como ameaça, em que o indivíduo reage com agressão, muitas vezes como uma tentativa de defesa ou retaliação.

Conforme Cruz (2020) ressalta, uma relação violenta é aquela em que um dos parceiros exerce poder e controle sobre o outro através de meios físicos, psicológicos, sexuais ou econômicos, criando um ambiente de medo, dependência e submissão. As consequências dessa dinâmica são devastadoras, não apenas para as vítimas diretas, mas também para as testemunhas indiretas, como filhos e outros familiares próximos. Para este autor, a violência se manifesta de diferentes maneiras, cada uma com suas próprias consequências e efeitos. A violência física, por exemplo, inclui uma variedade de agressões diretas, como tapas, socos, estrangulamentos e até uso de armas de fogo, podendo causar ferimentos graves, sequelas e até mesmo o óbito.

Já a violência psicológica se manifesta em atos que visam humilhar, desvalorizar, intimidar, manipular, ameaçar e até mesmo expor publicamente alguém ao deboche. Essas ações podem resultar em baixa autoestima e desencadear problemas como depressão, ansiedade e síndrome do pânico. A violência verbal, por sua vez, engloba o uso de ofensas, gritos e palavras com sentido pejorativo, causando danos emocionais significativos, podendo ser tão prejudicial quanto a violência física, afetando a saúde mental e minando a autoestima (Cruz, 2020).

A violência sexual ocorre quando há abuso dentro ou fora de um relacionamento, muitas vezes imposto de forma agressiva por uma das partes, sem o consentimento do outro. Isso pode resultar em traumas profundos, além do risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis e prejuízos emocionais duradouros (Cruz, 2020).

A depender da dinâmica da relação estabelecida entre a vítima e agressor, pode ocorrer apenas um tipo de violência ou várias ao mesmo tempo. Vale ressaltar que as agressões (nas relações duradouras) não ocorrem ininterruptamente, mas sim em ciclos, Cruz (2020) afirma que o ciclo de violência se refere a padrões repetitivos de comportamento, alternando entre momentos violentos e períodos de aparente calma. Esse ciclo pode envolver agressões e abusos seguidos por períodos de conciliação e até mesmo desculpas, mantendo uma dinâmica abusiva na relação e tornando difícil para a vítima romper o ciclo.

Além disso, Carvalho e Freitas (2022) adicionam que o ciclo de violência se perpetua à medida em que esta se intensifica, pois se na primeira vez em que houver o abuso, nada for feito, a tendência é se tornar mais contundente e mais lesivo.

Além dos prejuízos para os parceiros em uma relação abusiva, os filhos que

presenciam violência sofrem graves consequências como traumas psicológicos, podendo assim dar continuidade a esse ciclo de violências em sua vida adulta, tomando até com normalidade. Quando um indivíduo vive sob um contexto de violência pode ter vários traumas psicológicos, transtornos psiquiátricos e dissociação afetiva, aduzem Sales e Costa (2023).

Segundo a pesquisa de Sales e Costa (2023), a experiência de situações violentas no ambiente familiar compromete profundamente a capacidade do indivíduo de formar e sustentar relacionamentos saudáveis. A perpetuação de comportamentos assimilados na infância, como submissão ou agressividade, constitui um obstáculo significativo para o desenvolvimento de vínculos afetivos e sociais. Esse contexto também está associado à erosão da confiança, tanto em si mesmo quanto nos outros, elemento crucial para a construção de relações interpessoais sólidas.

Além disso, Sales e Costa (2023) destacam que a saúde mental das crianças é gravemente afetada, resultando em uma série de transtornos que comprometem seu bem-estar. O lar, que deveria ser um espaço de proteção e acolhimento, transforma-se em um ambiente de angústia e insegurança, exacerbando os impactos negativos ao longo do tempo.

Apesar das consequências negativas decorrentes das relações abusivas, muitas vítimas não saem de relações que trazem esses tipos de agressões por depender financeiramente do outro ou por medo ou por depender emocionalmente, ou ainda por se deixar manipular emocionalmente pelo agressor, acrescenta Cruz (2020).

De acordo com Porto e Bucher-Maluschke (2014) é possível permanecer em contato frequente com um agressor por diversos motivos, seja por questões emocionais, seja por sentir-se incapaz de sair dessa situação. Muitas vezes, a vítima se vê presa em uma teia de dependência emocional, gerando um sofrimento do qual ela não consegue se libertar ou buscar ajuda.

Segundo Silva e Silva (2020) a dependência emocional é um estado psicológico em que uma pessoa se torna excessivamente apegada a outra, comprometendo sua autonomia e bem-estar. Esse vínculo é frequentemente alimentado pelo medo de perder a afeição, resultando em comportamentos submissos.

Ainda Silva e Silva (2020) a dependência não surge apenas do amor, mas de uma compulsiva necessidade de aprovação. Quando um relacionamento é sustentado mais por essa dependência do que por sentimentos genuínos, pode surgir um ressentimento

subconsciente, aumentando as tensões e criando um ambiente propício a conflitos e agressões, perpetuando uma dinâmica disfuncional na relação.

De acordo com um estudo de Cunha (2007 apud Porto; Bucher-Maluschke, 2014), as vítimas que se encontram em uma situação de dependência emocional podem agir sem autonomia, cedendo a chantagens, experimentando medo sem uma causa aparente. Sentem culpa, vergonha e raiva, além de temerem a solidão. Algumas pessoas chegam a justificar a violência como uma forma de proteger o agressor e a relação.

A dependência emocional é um dos principais componentes, em que a vítima desenvolve um laço com o agressor, muitas vezes devido a manipulações e ciclos de violência conforme descrito anteriormente. Esse ciclo cria uma dinâmica em que a vítima sente esperança de que o agressor possa mudar, mantendo-a presa na relação, e estabelecendo uma relação de poder, complementam Carvalho e Freitas (2022).

As relações de poder refletem uma estrutura social onde normas e expectativas culturais atribuem diferentes níveis de autoridade, influência e controle a homens e mulheres. Historicamente, essas relações têm sido assimétricas, com homens ocupando posições dominantes em várias esferas da vida,

incluindo política, economia e família. Essa desigualdade é perpetuada por meio de práticas e ideologias que naturalizam a supremacia masculina e a submissão feminina (Cruz, 2020).

Compreende-se que o conceito de poder nas relações de gênero não se restringe apenas ao domínio físico ou econômico, mas abrange também o controle simbólico e ideológico. Isso inclui, de acordo com Cruz (2020), a maneira como as identidades e comportamentos de gênero são moldados e reforçados pela sociedade por meio de instituições como a família, a educação, a mídia e o sistema legal. Essas instituições desempenham uma função essencial na manutenção das hierarquias de gênero ao promover e legitimar certas normas e expectativas sobre o que é considerado apropriado ou desejável para homens e mulheres.

Além disso, vale a pena as pontuações de Cruz (2020), as relações de poder de gênero manifestam-se em várias formas de violência e discriminação contra as mulheres, como violência doméstica, assédio sexual, disparidades salariais e a sub-representação em posições de liderança. Essas práticas são mecanismos por meio dos quais o controle e a dominação são exercidos e perpetuados.

Os primeiros aportes teóricos sobre gênero apresentavam os conceitos de sexo e gênero intimamente atrelados, numa relação dicotômica entre a condição humana biológica versus a social. Desse modo, pelo menos inicialmente, a concepção de gênero partiu da ideia de uma diferença biológica existente entre homens e mulheres e, vinculada a essa diversidade, os vários lugares sociais historicamente construídos e propostos a cada um deles e a cada uma delas, que instituem os alicerces de práticas discriminatórias e desiguais entre as pessoas (Lira, 2019).

No entanto, é importante reconhecer que essas relações são dinâmicas e podem ser desafiadas e transformadas. Movimentos feministas e de direitos humanos, conforme afirma Lira (2019), têm trabalhado para desestabilizar essas hierarquias, promovendo a igualdade de gênero e empoderando mulheres e outras identidades de gênero marginalizadas. A conscientização e a educação sobre a natureza das relações de poder de gênero são fundamentais para criar uma sociedade mais justa e equitativa, em que todos os indivíduos possam exercer sua autonomia e viver livres de discriminação e opressão.

Assim, em meio às relações de poder, a violência e as relações abusivas emergem como manifestações extremas de controle e dominação. Segundo Cruz (2020), essas

dinâmicas abusivas são frequentemente encontradas em contextos em que uma parte exerce poder desproporcional sobre outra, utilizando a violência física, psicológica, emocional ou econômica como ferramentas para manter essa desigualdade.

A violência de gênero não é, portanto, somente uma manifestação de desigualdade de gênero; ela muitas vezes serve para se aplicar essa desigualdade. Os homens frequentemente usam a violência para punir transgressões percebidas em papéis de gênero, para mostrar autoridade e para defender a honra. A violência contra a mulher é muitas vezes considerada normal e justificada pela sociedade em geral ao invés de ser vista como um ato criminoso; e as vítimas, em vez dos agressores, são frequentemente culpadas e estigmatizadas. A violência contra as mulheres, portanto, não pode ser entendida isoladamente das normas de gênero, das estruturas sociais e dos papéis que influenciam a vulnerabilidade das mulheres à violência (Bott; Morrison; Ellsberg, 2005 apud Cruz, 2020).

Com frequência, os relacionamentos abusivos são mantidos por diversos elementos, como a aceitação de valores culturais que legitimam a dominação e a submissão, além das características pessoais de baixa autoestima e receio. A pessoa prejudicada, em diversos momentos, acaba ficando aprisionada

em um emaranhado de controle mental e necessidade emocional, o que dificulta o seu discernimento em relação ao abuso e a procura por auxílio, aduzem Porto e Bucher-Maluschke (2014).

Essas relações abusivas são reforçadas por estruturas sociais e culturais que, de maneira explícita ou implícita, legitimam a dominação de um indivíduo sobre outro. A naturalização da violência como um meio de resolver conflitos ou como um aspecto normal de determinadas relações perpetua o ciclo de abuso (Porto; Bucher-Maluschke, 2014). Além disso, a falta de apoio institucional e social adequado para as vítimas contribui para a manutenção dessas dinâmicas, ao não oferecer vias claras e seguras para escapar da violência.

De acordo com o abordado, este estudo se faz necessário devido ao preocupante crescimento dos casos de violência de gênero, incluindo o feminicídio, no Brasil. Torna-se urgente uma melhor compreensão das dinâmicas presentes nas relações violentas e na perpetuação dos vínculos abusivos. Nesse contexto, a pergunta central deste estudo é: quais fatores influenciam que um indivíduo permaneça em uma relação violenta?

Para investigar essa questão, são consideradas algumas hipóteses, como a influência da dependência emocional na permanência do indivíduo nesse tipo de

relação, a presença de ciclos de violência seguidos por momentos de arrependimento e afeto por parte do agressor que dificultam a ruptura, e a importância dos aspectos culturais, sociais e psicológicos nesse contexto.

O objetivo geral deste estudo é descrever as relações violentas e a manutenção dos vínculos que levam um indivíduo a se manter em uma relação abusiva, tornando-se emocionalmente dependente do ambiente em que está inserido. Para alcançá-lo, os objetivos específicos incluem a identificação dos fatores que perpetuam o ciclo de violência, a análise das dinâmicas de poder presentes nessas relações, a compreensão do impacto da dependência emocional na saída da vítima do ciclo abusivo, a investigação das justificativas utilizadas pela vítima para permanecer na relação violenta e a contribuição para o desenvolvimento de estratégias e políticas públicas voltadas para a prevenção e o combate à violência de gênero, visando à proteção das vítimas e à promoção de relacionamentos saudáveis e respeitosos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Ciclo da Violência nas Relações Abusivas**

O ciclo de violência de gênero constitui um fenômeno complexo e progressivamente destrutivo, caracterizado por padrões

recorrentes de abuso que se intensificam com o tempo. Conforme argumentam Albertim e Martins (2018), a violência pode iniciar-se de forma sutil e esporádica, mas tende a tornar-se mais frequente e severa caso não haja intervenção efetiva.

Silva e Silva (2020) ressaltam que, quando não são adotadas medidas para interromper o comportamento agressivo ou proteger a vítima, cria-se uma dinâmica de impunidade que favorece a repetição e a intensificação dos abusos. Essa permissividade implícita acaba reforçando o ciclo da violência, como demonstrado também por Carvalho e Freitas (2022), ao destacarem que a ausência de consequências imediatas ao agressor fortalece seu sentimento de poder e controle. Ao mesmo tempo, a vítima tende a tornar-se cada vez mais vulnerável e dependente, tanto emocional quanto economicamente.

De acordo com Bution e Wechsler (2016), essa espiral abusiva compromete a capacidade de reação da vítima, que muitas vezes internaliza sentimentos de culpa e vergonha. O agressor, por sua vez, alicerçado em um contexto de impunidade, tende a empregar métodos cada vez mais brutais e controladores, agravando a situação de forma cumulativa.

### **Fatores que Perpetuam o Ciclo de Violência**

Os fatores que mantêm o ciclo da violência são diversos e interligados, abrangendo dimensões individuais, sociais, econômicas e culturais. A dependência emocional destaca-se como um dos principais elementos. Segundo Maia e Cruz (2020), vítimas de violência doméstica frequentemente estabelecem vínculos afetivos com seus agressores, o que dificulta o rompimento da relação. Esse vínculo é reforçado por um padrão de abusos intercalados por fases de arrependimento e afeto, criando uma ilusão de mudança e esperança.

Do ponto de vista econômico, Oliveira (2020) observa que a dependência financeira constitui um obstáculo relevante para o rompimento dos vínculos. Muitas vítimas, especialmente aquelas com filhos, não dispõem de recursos para garantir a própria subsistência, o que as obriga a permanecer na relação abusiva.

Ademais, a falta de apoio social e institucional é apontada por Vieira, Garcia e Maciel (2020) como um fator crítico para a continuidade da violência. O isolamento social das vítimas, somado à fragilidade das políticas públicas de proteção — como abrigos, atendimento psicológico e assistência jurídica — limita significativamente suas possibilidades de romper com o ciclo.

O medo de represálias também é recorrente. Lima et al. (2023) destacam que a ameaça de intensificação da violência ou mesmo de feminicídio em caso de tentativa de ruptura é um dos principais fatores que mantêm mulheres em relações abusivas, especialmente quando há filhos envolvidos.

## **METODOLOGIA**

As buscas foram realizadas exclusivamente no Google Acadêmico, pois a plataforma oferece um amplo acervo de publicações científicas de acesso aberto, permitindo a localização de artigos, dissertações, teses e outros materiais acadêmicos relevantes. Além disso, o Google Acadêmico facilita o acesso a diversas áreas do conhecimento e possibilita a busca por publicações em português, o que constituiu um critério essencial para o presente estudo.

Nessa plataforma, foram utilizados os seguintes descritores: violência doméstica; ciclo da violência; manutenção dos vínculos; e dependência emocional. A leitura inicial concentrou-se apenas nos títulos e resumos das quarenta primeiras obras que apareciam, visto que, a partir da quinta aba de busca, os resultados se tornam mais vagos. Desse universo de dados, os títulos e resumos das 140 publicações selecionadas foram revisados com

o propósito de identificar as obras que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.

Após a aplicação desses critérios, foram selecionadas 44 publicações, das quais 29 foram consideradas fundamentais para os resultados e a discussão, por abordarem, de forma direta ou indireta, a questão central da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir das vinte e nove obras analisadas foi possível elencar quatro categorias principais de discussão, sendo elas: violência doméstica, ciclo de violência, dependência emocional e manutenção dos vínculos. Essas categorias refletem os diferentes fatores que contribuem para a permanência de indivíduos em relacionamentos abusivos e oferecem uma compreensão ampla das dinâmicas psicológicas, sociais e culturais envolvidas.

### **Violência Doméstica**

Na primeira categoria, composta por seis obras, a violência doméstica foi destacada como um fenômeno complexo e com várias dimensões que envolvem não apenas agressões físicas, mas também violência psicológica, sexual, patrimonial e moral. O que faz com que

as vítimas permaneçam no relacionamento abusivo.

Lira (2019) destaca que os impactos dessa violência sobre as mulheres são profundos, comprometendo sua saúde física e psicológica. Essa perspectiva é ampliada por Ferreira e Danziato (2019), ao evidenciarem como a dinâmica de sujeição e controle, muitas vezes associada a traços de masoquismo e à dependência emocional e financeira, reforça os vínculos com o agressor, tornando mais difícil a ruptura.

Corroborando essas análises, Costa (2019) aprofunda a discussão ao relacionar a violência doméstica à lógica de dominação do sistema patriarcal, o qual sustenta a desigualdade de poder entre homens e mulheres e legitima práticas abusivas em contextos socioculturais diversos. Esse sistema, segundo o autor, perpetua-se ao longo do tempo e estrutura as bases da opressão de gênero.

A religiosidade surge como outro fator relevante. Oliveira (2022) aponta que, em muitos casos, crenças religiosas que valorizam a submissão feminina e a indissolubilidade do casamento funcionam como elementos de contenção para as vítimas, levando-as a suportar o sofrimento em nome da fé e da preservação da família.

Nesse mesmo sentido, Batista et al. (2023) trazem uma contribuição significativa ao evidenciar a transmissão intergeracional da violência. Segundo os autores, mulheres que presenciaram a submissão de suas mães diante de abusos tendem a naturalizar esse comportamento, reproduzindo-o em suas próprias relações. Assim, o ciclo de violência é perpetuado como uma narrativa familiar, sustentada por padrões culturais internalizados.

### **Ciclo da Violência**

A segunda categoria, composta por onze publicações, concentra-se na descrição do ciclo da violência, caracterizado pela alternância entre episódios de agressão e fases de reconciliação, o que reforça a esperança de mudança e dificulta o rompimento da relação. Cruz (2020) destaca que, embora a denúncia seja uma forma eficaz de interromper o ciclo, diversos fatores dificultam essa decisão, como o medo de retaliações, a proteção dos filhos e a crença em uma possível transformação do agressor.

Morgado (2020) complementa essa visão ao indicar que a presença dos filhos, especialmente quando são do próprio agressor, aprofunda os vínculos e amplia o controle exercido sobre a mulher, sendo instrumentalizados na manutenção do relacionamento abusivo. Essa estratégia de

manipulação reforça a dependência emocional e funcional da vítima.

Costa (2021), por sua vez, detalha as três fases recorrentes do ciclo da violência: tensão, explosão e reconciliação. Em cada repetição, segundo o autor, a vítima passa a acreditar que a mudança do agressor é possível, o que a impede de romper o vínculo. Essa ideia é fortalecida por Gomes et al. (2022), ao observarem que muitas mulheres, mesmo diante da escalada da violência, mantêm a esperança de preservar a família, acreditando que conseguirão controlar a situação.

Silva (2023) reforça essa percepção, especialmente no contexto da maternidade, ao argumentar que a presença de filhos intensifica a aceitação da violência e o desejo de continuidade da relação, sustentados por uma esperança ilusória. Já Viana e Costa (2024) analisam que o perdão recorrente, motivado por promessas não cumpridas, perpetua a repetição da violência, demonstrando que a origem do ciclo está no comportamento do agressor e não na postura da vítima.

Fontana e Ruschel (2024) concluem que essa alternância entre agressão e aparente arrependimento fragiliza emocionalmente a vítima, tornando-a incapaz de romper com o relacionamento. A dependência emocional e o esgotamento psicológico são intensificados a

cada novo episódio, consolidando o ciclo de violência e tornando-o cada vez mais difícil de ser superado.

### **Manutenção dos Vínculos**

A terceira categoria, composta por sete estudos, explora como a manutenção dos vínculos em relações abusivas é influenciada por fatores como a presença de filhos, a dependência emocional e pressões socioculturais.

Oliveira (2020) afirma que o rompimento dessas relações raramente ocorre de forma linear, sendo um processo repleto de avanços, retrocessos e sentimentos ambivalentes. Amor, culpa, raiva e compaixão se misturam, enquanto riscos concretos exigem planejamento cuidadoso para garantir a segurança da vítima.

Gomes e Assunção (2021) destacam que, em situações de isolamento social, a mulher demora a reconhecer a toxicidade do relacionamento. A falta de uma rede de apoio reforça o vínculo com o agressor e dificulta a possibilidade de saída.

Batista et al. (2023) acrescentam que, mesmo após a ruptura, os efeitos da violência persistem, gerando problemas como automutilação, transtornos alimentares e dificuldades de relacionamento, tanto para a mulher quanto para os filhos.

Saraiva (2023) amplia essa análise ao afirmar que, mesmo em contextos de autonomia financeira e escolaridade elevada, as mulheres permanecem presas ao ciclo violento devido a fatores emocionais e à esperança de regeneração. Lima (2023), por sua vez, observa que a pressão familiar e religiosa para manter o matrimônio exerce forte influência sobre as mulheres, levando-as a tolerar situações abusivas sob a justificativa de que o amor exige sacrifícios.

Por fim, Costa et al. (2024) reforçam essas constatações ao relacionar a manutenção dos vínculos com as normas culturais patriarcais e com o silenciamento das vítimas. A valorização da estabilidade familiar em detrimento do bem-estar individual contribui para a perpetuação de relações abusivas, exigindo mudanças estruturais e culturais para transformar essa realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na conclusão deste estudo, consolidam-se as reflexões sobre a complexidade envolvida na manutenção de vínculos abusivos em relações marcadas pela violência doméstica. A pesquisa buscou analisar como fatores emocionais, sociais e culturais contribuem para a permanência das vítimas nesses relacionamentos.

A partir dos dados e análises realizadas, os objetivos da investigação foram alcançados, fornecendo uma compreensão abrangente sobre os mecanismos que dificultam a ruptura do ciclo de violência. A pergunta central da pesquisa foi respondida, confirmando a relevância dos fatores estudados.

As hipóteses formuladas inicialmente mostraram-se corretas, pois pode-se verificar que a dependência emocional exerce uma forte influência na permanência das vítimas em relações abusivas. Além disso, a dinâmica dos ciclos de violência, com episódios de agressão seguidos por momentos de arrependimento e afeto por parte do agressor, reforça o vínculo e dificulta a ruptura. Os aspectos culturais, sociais e psicológicos também se revelaram fundamentais para entender essa permanência, evidenciando que o problema é multifacetado e exige intervenções de diversas frentes.

Durante a realização da pesquisa, uma das principais dificuldades foi encontrar dados atualizados e específicos que abordassem a interação de todos esses fatores de maneira integrada. Além disso, tratar de um tema tão delicado e sensível exigiu cautela na análise e na apresentação das informações.

Para estudos futuros, recomenda-se um enfoque mais prático e exploratório, como a análise de programas de intervenção e suporte psicológico, além de investigações sobre o

papel das políticas públicas na proteção das vítimas. Seria igualmente útil desenvolver pesquisas que explorem estratégias culturais e sociais para romper o ciclo de violência, fornecendo soluções aplicáveis e de impacto positivo na vida das vítimas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. **Ciclo do Relacionamento Abusivo: desmistificando relações tóxicas.** In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. Intercom, Recife, p. 1-13, 2018. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0301-1.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.
- BATISTA, Vanessa Carla; GOMES, Nadirlene Pereira; TESTON, Elen Ferraz; BARRETO, Mayckel da Silva; VIRGENS, Ionara da Rocha; VIEIRA, Viviane Cazetta de Lima; SILVA, Ana Maria Nunes da; MARCON, Sonia Silva. **Relações familiares no contexto de violência conjugal: uma teoria fundamentada nos dados construtivista.** Texto & Contexto Enfermagem, v. 32, p. 1-15, 2023.
- BOAS NETO, Francisco José Vilas. **Uma breve história de violência.** Revista Pensamiento Penal, n. 454, p. 1-52, 2023.
- BUENO, Samira, Isabela Sobral, Amanda Lagreca, Thaís Carvalho e Beatriz Schoedr. **Feminicídios em 2023.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.
- BUTION, Denise Catricala e WECHSLER, Amanda Muglia. **Dependência emocional:**

**uma revisão sistemática da literatura.** Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 6, n. 1, p. 77-101, 2016.

CARVALHO, Viviane Soares de; FREITAS, Talita Maria Machado de. **Relacionamento Abusivo: o ciclo de aprisionamento e dependência emocional.** JNT- Facit Business and Technology Journal, v. 2, n. 36, p. 429-439, maio 2022.

COSTA, Luana Pereira da. **Interseccionalidade de raça, classe e gênero em experiências e estratégias de mulheres em situação de violências nas suas relações íntimas de afeto.** 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2019.

COSTA, Maria Clotilde Ferreira da. **Violência nas relações de intimidade: refletir a problemática com adolescentes.** 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Social) - Escola Superior de Educação de Bragança, Bragança, 2021.

CRUZ, André Gonzalez. **A violência de gênero, o Ministério público e a aplicação da Lei Maria da Penha: uma análise na cidade de São Luis/MA.** São Paulo: Dialética, 2020.

FERREIRA, Esther de Sena; DANZIATO, Leonardo José Barreira. **A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso.** Caderno Psicanálise, Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 149-168, jun. 2019.

FONTANA, Bruna Flores; RUSCHEL, Juliano. **As mulheres vítimas de violência doméstica: cárcere privado e a falta de visibilidade.** Revista Contemporânea, v. 4, n. 8, p. 1-40, 2024.

GOMES, Louíse Ketlyn Gilberti Rocha; ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. **Relacionamentos amorosos abusivos**. Pretextos -Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 6, n. 12, p. 271-294, jul./dez. 2021.

GOMES, Nadirlene Pereira; CARNEIRO, Jordana Brock; ALMEIDA, Lilian Conceição Guimarães de; COSTA, Dália Sousa Gonçalves da; CAMPOS, Luana Moura; VIRGENS, Ionara da Rocha; WEBLER, Natália. **Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal**. Cogitare Enfermagem, v. 27, p. 1- 10, 2022.

LIMA, Karla Cristina dos Santos Ferreira Ataíde. **“Em briga de marido e mulher não se mete a colher”**: Direitos Humanos e Decolonialidade contra a violência de gênero no Município de Raposa – MA. 2023. 124 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

LIMA, Virgínia Valeria Costa; PEREIRA Thiago Emmanuel da Silva; CAMINHA, Analu Bezerra; SILVA, Bianca Vitoria Vasconcelos da; MARTINS, Gizelly de Carvalho. **Fenômeno da permanência da vítima dentro de um caso de violência contra mulher**. Revista Contemporânea, v. 3, n. 11, p. 24635-24656, 2023.

LIRA, Kalline Flávia Silva de. **Relações de gênero, poder e violência contra as mulheres: um estudo sobre o Sertão brasileiro**. La ventana. Revista de estudios de género, v. 6, n. 50, p. 331-362, 2019.

MAIA, Rosemere; CRUZ, Verônica (org.). **Saberes plurais: produção acadêmica em sociedade, cultura e serviço social**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020.

MORGADO, Rosana. **Sobre Alices, Ivones e Marias: mulheres vítimas de feminicídio no BRASIL**. In: MAIA, Rosemere; CRUZ, Verônica (org.). Saberes plurais: produção acadêmica em sociedade, cultura e serviço social. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020. p. 39-57.

OLIVEIRA, Jacqueline Mary Soares de. **“O perdão que ele me pediu nunca me limpou” - Circuitos de violência contra as mulheres: o registro de uma cartografia**. 2022. 146 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

OLIVEIRA, Luciana da Silva. **Por um cuidado menor: mulheres, violências e psicologia(s) feminista(s)**. 2020. 257 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

PORTO, Madge; BUCHER-MALUSCHKE, Julia Sursis Nobre Ferro. **A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 30, n. 3, p. 267–276, 2014.

SALES, Willian Tihago Quirino; COSTA, Lizandra Larissa Beserra da. **Violência intrafamiliar infantil psicológica e a relação com a dependência emocional na vida adulta**. Revista Cathedral, v. 5, n. 4, p. 87-98, 2023.

SARAIVA, Ana Livia Rolim. **Desatando nós, desatando-nos: o fim de relações afetivo-sexuais violentas de mulheres com renda própria e ensino superior**. 2023. 156f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília DF, 2023.

SILVA, Daniele da; SILVA, Renata Limongi França Coelho. **Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação.** Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM), v. 20, n. 14, p. 328-340, 2020.

SILVA, Mayara Paula Atanásio Soares da. **Gênero, dominação masculina e informação: a violência contra a mulher evidenciada através das informações estatísticas.** 2023. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

VIANA, Dalila Sena; COSTA, Maria do Socorro Moura. **A cultura do patriarcado no Brasil: da violência doméstica ao feminicídio.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.10, n.05, p. 2829- 2847, maio 2024.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. **Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?** Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 23, e200033, p. 1-5, 2020.